I Conveniente esquecimento

Apagam becos, mas a travessa grava,
somam cofres, subtraem gente;
o grito vira cinza nos corredores,
e a cinza assina o branco da parede,
miséria veste a carne que desmente.

Cúpulas limpam praças com apagão,
rasuram nomes, rasgam certidões;
arquivam rostos, mofam testemunhos,
traduzem vidas em secas versões,
e a fome mastiga nobres intenções.

Conveniente é negar quem se levanta,
inconveniente é ouvir quem não se cala;
a rua, sem elenco, encena o corpo,
cada pedra guarda corte, voz e fala,
e a história sangra a mão que a rascunha.

No fim, a fria cifra dita a pena:
pena de lei, pena de asa e escrita;
uns viram pó, outros viram moeda,
mas o pó também conhece quem o pisa,
e o marginal, na margem, se redita.

O poder se absolve na água que o incrimina,
lava as mãos, mas não lava a nascente;
quem tentou apagar a carne viva
fica escrito na ferida da gente:
esquecimento nenhum enterra semente.

II E se faltar amor

Na míngua do afeto, governa a chancela,
sela-se a cela com lúcida razão;
o carimbo, sem culpa, consagra a sequela,
a regra veste toga; a fome, sermão;
pisa feridas, proclama cuidado,
serve jejum em bandeja de pão.

Sem ternura, florescem cadastros:
índices íntimos, pública desgraça;
o juiz, surdo, sentencia rastros,
decreta despejos com luva de graça;
a cota reparte o humano; o arquivo, o destino,
e o Estado enumera pranto sem praça.

Quando falha, a fenda pensa sozinha:
quem pesa a dor desconhece seu centro;
na mente atípica, o mundo desalinha,
a norma mede a margem; o corpo, por dentro;
a dor que dá dó desafina o cálculo,
e a rua unge os ninguéns sem templo.

Se faltar amor, sobra a conta assinada,
saldo sem rosto, recibo sem chão;
a lei lava a culpa na água parada,
mas não limpa o nome da própria omissão;
quem nasce sem colo aprende a ser mundo,
e funda no abandono outra multidão.

III Engrenagens dessa miséria

As engrenagens moem promessas,
mastigam sonhos, metabolizam esperanças;
cada dente da roda é boca faminta,
cada giro gera juros e penúrias,
cada ruído recolhe um rugido,
cada óleo reluz no sumiço dos invisíveis,
e cada avanço anuncia o recuo que financia.

A máquina não para, é polida e faminta,
lubrificada em lágrimas e boletos;
projeta futuros que vencem na partida,
redige contratos sem mão nem afeto,
imprime cifras, comprime destinos,
sorri ferrugem por dentro do progresso,
e vende cura à febre que cultiva.

O engenheiro da miséria é meticuloso:
mede minutos, remedeia migalhas,
transforma sarjetas em pastas numeradas;
converte vidas em gráficos dóceis,

batiza a exclusão de ordem social,
chama ruína de obra em desenvolvimento,
e faz da exceção a regra do regulamento.

E nós, peças gastas da engrenagem,
aprendemos a rir da própria ferrugem;
o pão ausente vira provérbio amargo,
a mesa vazia, etiqueta de banquete,
o futuro negado, dívida com vencimento,
a dor que dá dó desafina o cálculo,
e o defeito, desfeito, desmonta a máquina.